

Ethics and Psychoanalysis: A Discussion About the HappinessJulice Salvagni¹Jaqueline Stefani²

Resumo: O artigo propõe uma análise sobre os pressupostos ético-filosóficos da psicanálise e da sociedade atual verificando se há uma dissonância entre ambos e em que medida tal dissonância ocorre. A felicidade aparece no discurso cotidiano como um conjunto de pressupostos utópicos e idealizados, onde se busca a idéia de gozo absoluto e a qualquer preço, concepção de felicidade embasada em pressupostos hedonistas. Descortinada a concepção socialmente construída de felicidade da atualidade, há que confrontá-la com as práticas clínicas de orientação psicanalítica. A psicanálise compreende que a dor faz parte do próprio caminho possível para a cura. À psicanálise cabe a apropriação desta leitura contemporânea, a fim de transpor à clínica o desafio de compor as suas práticas sobre a luz destas características, em certa medida, divergentes. Tal apropriação requer que os pressupostos ético-filosóficos sejam explicitados para uma compreensão mais coerente sobre o impasse entre os anseios da sociedade por vezes ilusórios e a possibilidade real de trabalhar com as próprias dores e angústias em uma proposta terapêutica.

Palavras-chave: ética; psicanálise; filosofia; conceito de felicidade; práticas clínicas.

Abstract: This article proposes an analysis of the ethical and philosophical assumptions of psychoanalysis and the present society by checking if there is a dissonance between them and the extent to which such dissonance occurs. The happiness comes in everyday speech as a set of utopian assumptions and idealized, where the idea of seeking absolute enjoyment at any price, design assumptions grounded in hedonistic bliss. Unraveled the socially constructed concept of happiness today, we must confront it with the clinical practice of psychotherapy. Psychoanalysis understands that pain is part of the very possible path to healing. In psychoanalysis it is the appropriation of contemporary reading, in order to implement the clinical challenge of composing their practices on the light of these characteristics to some extent, different. This appropriation requires ethical and philosophical assumptions are made explicit for a more coherent understanding of the impasse between the aspirations of society sometimes illusory and the real possibility of working with your own pain and anguish in a treatment plan.

Keywords: ethics; psychoanalysis; philosophy; concept of the happiness; clinical practice.

¹ Docente do curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul. Doutoranda em Sociologia (UFRGS). Mestre em Ciências Sociais (UNISINOS); Especialista em Gestão Empreendedora (FTEC); Psicóloga (UNISINOS); E-mail: julices@terra.com.br

² Docente do curso de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul. Doutoranda em Filosofia (UNISINOS); Mestre em Filosofia (UNISINOS); E-mail: jaquelinestefani@yahoo.com.br

*Não sei por que tô tão feliz
Vai ver que é pra esconder no fundo uma infelicidade
Pensei que fosse por aí
Fiz todas as terapias que têm na cidade
A compulsão veio depressa
E sem nenhuma novidade
O meu problema era felicidade*

Luiz Tatit

Este artigo busca discutir as questões éticas que perpassam a clínica psicanalítica em um momento da atualidade onde a felicidade é construída socialmente como um conjunto de pressupostos utópicos e idealizados. Com isso, tanto a prática clínica, quanto o entendimento do próprio psicoterapeuta – igualmente imerso neste modelo de felicidade socialmente aceito – ficam prejudicados e comumente esbarram na necessidade de aprofundar as dimensões teóricas de cada fenômeno. Essa discussão se faz necessária para que se possa, em alguma medida, compreender os fundamentos das questões éticas que se estabelecem na relação psicanalítica.

Nesta discussão, é prudente lembrar que a psicanálise se funda a partir de pressupostos críticos tanto no que se refere a uma busca desenfreada pelo gozo, quanto à ética tradicional fundada meramente na razão. Freud (1856-1939), por meio de sua formulação acerca do inconsciente e da compreensão do aparelho psíquico como composto de *id*, *ego* e *superego*, criticou de forma veemente os fundamentos filosóficos do racionalismo moderno, especialmente de Descartes. Com Freud, a consciência moral não pode mais ser tida como o *locus* da decisão ética, pois é o inconsciente que, em grande medida, assume o protagonismo das decisões nas ações humanas através de instintos e desejos reprimidos dos quais sequer somos, na maior parte dos casos, conscientes.³

Porém, igualmente problemática é a concepção pautada por uma criação ilusória sobre a felicidade contemporânea, que vamos atrelar neste estudo ao imperativo do gozo – do gozar mais e de forma contínua, a fim de eliminar qualquer sentimento de desprazer ou dor da condição humana – estamos falando de uma ética hedonista. O curioso é que esta ética do bem viver, defendida pelos hedonistas, permanece ainda hoje no imaginário coletivo e chega

³ Cf. MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de Ética**: de Platão a Foucault. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

aos consultórios como demandas de extinção do sofrimento psíquico que, não à toa, fazem surgir um mercado demasiadamente expressivo e em expansão de remédios antidepressivos.

Esta concepção ética, que envolve de modo direito a psicanálise e reflete a distorcida e conturbada construção atual da felicidade, visualizada de modo explícito no apelo medicamentoso inerente à busca pela cura, nos apresenta a necessidade de aprimorar o debate e a discussão em torno do assunto. Este texto não apresenta dedicação de atenção especial ao uso e abuso dos remédios antidepressivos receitados de modo indevido e indiscriminado aos sujeitos, mas se concentra nas discussões por um desdobramento do caráter ético da psicanálise, no entendimento desta produção da felicidade contemporânea e nos desafios a esta clínica de psicanálise onde se sobrepõe, por vezes, sentimentos contrários da sociedade quanto ao descrédito e a esperança. Aliás, pressuposto socialmente aceito quando se estabelece qualquer discussão no senso comum inclusive na aceitação da vida como alguém que contém momentos felizes e tristes, naturalmente e mutuamente, como parte da condição que nos torna humanos.

A investigação da psicologia contribuiu decisivamente na compreensão da ética, em especial aos desdobramentos das concepções acerca da atividade moral que é sempre interna ou subjetiva e que a psicologia tenta esclarecer: “[...] problemas morais como o da responsabilidade e da culpabilidade não podem ser abordados sem considerar os fatores psíquicos que intervieram no ato, pelo qual o sujeito se julga responsável e culpado.” (VÁZQUEZ, 2000, p. 30).

A Psicanálise e a Ética da Atualidade

A palavra ‘Ética’ deriva do grego *ethos* significando ‘modo de ser’ ou ‘caráter’. A palavra ‘Moral’ em latim *mos* ou *mores* significa ‘costumes’. Ainda que ambas se assemelhem, elas certamente não se equivalem. Enquanto a moral trata de um conjunto de normas ou regras de um grupo social, a ética é a teoria sobre a moral, é a reflexão sobre os modos de agir humanos. Dessa forma, quando se fala em ética passamos da prática moral para uma teoria da moral, analisando seus fundamentos e justificações de forma embasada teoricamente.

Discutir sobre o agir dos esquimós (ou o que eles entendem por ação ofensiva ou respeitosa) ou de alguns povos da África (lembramos aqui daqueles cuja circuncisão é regra), ou ainda sobre a relação pai e filho no antigo Império Romano é discutir no âmbito moral. Perguntar-se sobre o fundamento da moral, ou seja, sobre o que caracteriza uma ação boa ou má, sobre o que é o bem, sobre qual o critério ou critérios básicos que regem ou deveriam reger a conduta humana, independentemente de seu lugar geográfico ou temporal é fazer ética.

À ética cabe encontrar esse fundamento – universal ou não – passível de pautar as ações humanas de forma coerente. Hoje, época em que a ciência e a técnica regem a vida humana, faz-se urgente discutir o papel da ética e sua implicação na ciência e nas mais variadas profissões. Em um primeiro momento, a ética parece não ter papel algum em nossas profissões, afinal, o que se quer é a técnica, o conhecimento prático e imediato de como realizar determinadas funções. Porém, um olhar um pouco mais incisivo, logo demonstra sua importância no cotidiano de qualquer profissional.

O professor, para ser um bom profissional, deve somente saber bem o conteúdo de sua matéria, certo? Errado. O que caracteriza sua qualidade profissional é, além de saber bem o conteúdo, saber perceber as realidades de seus alunos, respeitando-os; além disso, deve ter comportamento condizente com sua profissão, pois serve de exemplo para muitas pessoas, principalmente crianças. Encontrar um critério justo na forma de avaliar também faz parte das preocupações de um professor que pauta seu agir de forma ética, etc. O médico, para ser um bom profissional, deve conhecer bem o conteúdo da sua arte, mas também refletir sobre critérios como sacralidade da vida ou qualidade de vida (responsáveis pela sua conduta no âmbito de questões polêmicas como o aborto, a eutanásia, a pesquisa com células tronco, etc.). O publicitário, além de criatividade e conhecimento técnico da área, deve ter também bom senso, para saber até onde pode ir com suas imagens apelativas, etc. O contador, além de saber preencher uma planilha com débitos e créditos e demais conhecimentos técnicos de sua área, deve primar por virtudes profissionais como sigilo, lealdade, imparcialidade e responsabilidade, por exemplo.

É inegável que as obras fundantes da psicanálise ainda se configuram como a maior referência ao estudo, aprimoramento e desenvolvimento da técnica clínica. De todo modo, é inegável discutir as transformações desta aplicação teórica ao que se percebe como alterado

na sociedade contemporânea, em termos de comportamento, sentimentos, formas de ser e estar num mundo que vive em constante transformação. Com isso, discutimos os conceitos de ética e psicanálise, abarcados pela teoria de Maria Rita Kehl (2002), que propõe uma reflexão em torno de concepções teóricas e práticas, que podem reger a atuação profissional na clínica, onde quer que esta clínica aconteça.

Ao tratar da concepção de ética, Kehl (2002) destaca duas possibilidades distintas de entendimento sobre a questão. Num primeiro momento, é possível que se questione a ética enquanto uma prática profissional, que busca a fiscalização de condutas que extrapolam ou violam aquilo que é concebido enquanto próprio da atuação profissional do psicólogo e/ou psicanalista. Este cuidado importante com a ética é parte de uma construção coletiva dos profissionais da área e fiscalizada pelos conselhos profissionais, dentro de cada realidade observada. Nestes casos, por exemplo, são condenados abusos por parte dos profissionais, exercício ilegal da profissão, envolvimento do profissional com seu analisando, etc.

O que se busca desenvolver quanto à compreensão de ética neste estudo, entretanto, é um pouco diferente. Esta

[...] refere-se às implicações éticas do advento da psicanálise Ocidental, como um pensamento e uma prática questionadores de pressupostos éticos tradicionais, que, de fato, já não se sustentavam como orientadores da ação moral nas sociedades do final do século XIX. A psicanálise não surgiu como proposta de uma “nova ética” para o mundo moderno. No entanto, a virada freudiana abalou profundamente algumas convicções a respeito das relações do homem com o Bem, exigindo que se repensassem os fundamentos éticos do laço social a partir da descoberta das determinações inconscientes da ação humana. (KEHL, 2002, p. 7, 8)

Ou seja, a ética que interessa, neste texto, é aquela que questiona, determina e transforma as concepções socialmente construídas da realidade, e aqui entra o conceito de felicidade, que será visto mais adiante. O que a ética e a psicanálise, nesta sobreposição, tem a oferecer enquanto produção social do conceito de felicidade? E mais, que relação pode ser estabelecida entre os conceitos de ética e de felicidade com a prática clínica diária?

A psicanálise ganha uma relação fundamental na discussão desta ética da qual tratamos já que os profissionais da área normalmente são convocados a responder aos apelos dos sujeitos, a dar respostas (de preferência rápidas e práticas) aos males dos quais eles estão sofrendo – isso tudo, seja na clínica ou fora dela. O problema é que, considerando este

entendimento do conceito de felicidade da atualidade (aquele que é utópico, irreal e de puro gozo), “[...] como a psicanálise pode responder a esse apelo se ela é uma prática da dúvida, e não da certeza, um método investigativo e não uma filosofia propositiva?” (KEHL, 2002, p. 28).

A Felicidade: o Imperativo do Gozo

A felicidade é tomada, cotidianamente pelo senso comum, como um estado psicológico agradável, como uma experiência prazerosa momentânea. Daí escutarmos expressões como “hoje estou tão feliz”, ou apenas “eu estou feliz”, “[...] trata-se de simplesmente uma coleção de sensações fisiológicas prazerosas, de modo que se sua vida é preenchida com experiências geralmente prazerosas, você está feliz.” (FURROW, 2007, p. 119). O fundamento filosófico de tal concepção é encontrado no hedonismo, corrente que equivale o prazer com a felicidade. Dessa forma, uma vida feliz é aquela em que os momentos de prazer obtiveram maior ocorrência que os momentos de dor.

Tal concepção de felicidade encontrou em Jeremy Bentham seu desenvolvimento contemporaneamente: “Jeremy Bentham, o fundador do utilitarismo, argumentava que o prazer é o derradeiro objetivo da vida e que devemos produzir tanto prazer agregado quanto possível.” (FURROW, 2007, p. 119). Entretanto, a concepção hedonista não foi, ao longo da história do pensamento humano, a mais difundida. Filosoficamente, a felicidade foi concebida como algo diferente de um mero estado passageiro de alegria ou prazer, seja pelos gregos antigos, ou pelos medievais, seja pelos modernos e pela maior parte dos contemporâneos.

Já dizia Aristóteles (em *Ética a Nicômaco*) que de todos os bens que os seres humanos buscam, a felicidade é o maior e mais unânime deles. Para Aristóteles, a felicidade não é um estado de espírito, mas ela é possível de ser alcançada através de uma vida contemplativa e a justificação, segundo análise de Shaefer, ocorre da seguinte forma:

- a) se o fim identifica-se com o bem;
- b) e o bem é a realização da essência das coisas;
- c) e se a essência do ser humano é a racionalidade;
- d) então, a atualização da racionalidade vem a ser o bem do homem;
- e) ora, como não existe no homem algo que seja superior à razão;
- f) então, a realização da razão é, de fato, o bem maior do homem, o seu sumo bem;
- g) e sendo que o sumo bem identifica-se com a felicidade;

h) então, a realização ou a atualização da razão termina por ser aquilo que traz mais felicidade para o homem. (SHAEFER, 2004, p. 33-34)

O problema se encontra, entretanto, no que se entende por ter uma vida feliz. Para alguns, felicidade pode ser uma carreira de sucesso, para outros pode ser encontrar a pessoa ideal para um relacionamento duradouro, para outros ainda, a felicidade pode equivaler a muito dinheiro, bens materiais, etc. e para outros pode ser encontrar sua ‘paz interior’. O número de diferentes versões sobre o que seja uma vida feliz, desse modo, é infinito.

A questão é que o prazer não pode ser tomado como equivalente da felicidade, ainda que seja importante ter prazer para que se possa ter uma vida feliz. A felicidade não é instantânea, momentânea, mas é algo que perdura e que não pode ser facilmente abalado. Da mesma forma, a dor nem sempre deve ser evitada, inclusive quando se fala do ponto de vista da psicanálise, pois:

[...] há na psicanálise, em contrapartida, o acolhimento à dor. [...] E qual seria a importância de valorizar a dor? Nossa premissa é que o sujeito não pode ser concebido sem a dimensão da dor e da angústia. Ao diminuir o espaço concedido ao sofrimento psíquico, a cultura contemporânea faz ao mesmo tempo uma operação de aniquilamento da dimensão da subjetividade. Em contrapartida, a clínica e a teoria psicanalítica sustentam-se a partir de uma positividade da dor, pois não somente a dor é a matéria-prima por excelência a ser trabalhada na clínica, como também é afirmada nas próprias conceituações que alicerçam a teoria. (FORTES, 2009, p. 1139)

Desta forma, a ética da qual deriva a psicanálise segue um caminho contrário ao da ética atualmente sustentada no senso comum de modo geral, gerando assim, certo estranhamento no que diz respeito ao diálogo desta abordagem – teórica e prática – com os mais diversos espaços da sociedade permeados pelas discussões psicanalíticas, especialmente a clínica.

Desafios à Clínica da Psicanálise

A questão central que propomos neste tópico é pensar como a psicanálise tem se saído nesta perspectiva e prática que propõe ação contrária à demanda ocidental. Desta forma, um encontro consigo mesmo, através de um processo terapêutico longo, caro e exaustivo, tem encontrado a cada dia mais entraves. Sugerimos abordar o forte apelo medicamentoso como o principal sintoma social da contemporaneidade no sentido da busca incessante pelo gozo

absoluto. O remédio apresenta uma ‘solução’ rápida e prática aos momentos de tristeza e torna, ilusoriamente, a perspectiva de uma felicidade constante algo possível.

Com a crescente melhora dos resultados terapêuticos obtidos pelos tratamentos medicamentosos, reduzindo drasticamente o tempo e o gasto econômico necessários para se obter um alívio do sofrimento e das limitações impostas pela dor mental, a Psicanálise (ou qualquer proposta de psicoterapia) passou a ver-se numa posição desconfortável quanto à justificativa de suas propostas clínicas, num mundo onde cada vez mais são valorizadas a eficiência, a rapidez e a garantia. (PELEGRINI, 2003, p. 01)

Destarte, há uma necessidade por parte dos terapeutas em estarem constantemente preparados para lidar com os impasses que se criam na clínica (assim como em qualquer outra prática) pelo advento destas outras formas de resolver as ‘dores da alma’, como é o caso do remédio. É preciso que os profissionais da área, portanto, estejam imersos nestas discussões éticas e filosóficas quanto ao conceito da felicidade contemporânea a fim de saber trabalhar com essas demandas, inclusive, no processo terapêutico.

Esta contradição acontece já que

[...] o homem procura formas de resolver o impasse colocado na constituição da civilização e na entrada na cultura. Nesse impasse, surge a tarefa de se passar do funcionamento no princípio do prazer, exclusivamente, para o princípio da realidade, onde o desejo precisa ser negociado, muitas vezes adiado. O imperativo do gozar abre espaço para formas socializadas de obtenção de prazer. Gradativamente, haverá a passagem do prazer imediato voltado para o auto-erotismo, lugar narcísico do eu ideal, para formas postergadas de prazer – ou formas de prazer mediado com o desenvolvimento do ideal do eu. Outra forma de explicitar esse processo é lembrar que, na infância, o bebê alucina diante da insatisfação de seu desejo, como quando da ausência do peito. Com a constituição do aparelho psíquico, começa a negociação do desejo com a realidade, a possibilidade de adiamento ou mesmo de se lidar com a falta do objeto. (PELEGRINI, 2003, p. 02)

Ou seja, vai-se adiando a possibilidade da resolução dos conflitos consigo mesmo através da promessa socialmente sustentada (e comercializada) de que existe uma forma de viver onde o gozar absoluto é possível. Distorcer esta idéia ilusória e mostrar ao paciente que chega à clínica da psicanálise que o trabalho com a própria dor e angústia como proposta terapêutica não só é possível como também é indispensável não é uma tarefa exatamente simples.

Fortes encerra seu artigo intitulado *A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo* (2009, p. 1144), dizendo que “[...] a elaboração da dor como elemento necessário ao aparelho psíquico indica que não há como eliminá-la totalmente do psiquismo humano, delimitando dessa maneira uma diferença crucial entre a tarefa da psicanálise e certos imperativos da cultura contemporânea”. Desta forma, o desafio da psicanálise da atualidade vai muito além de lidar com as suas clássicas e milenares formas de debate. Agora, mais do que nunca, a psicanálise vê-se obrigada a assumir um discurso que segue na contramão da ética da atualidade para fazer-se necessária enquanto uma possibilidade real de cura da dor, pela dor.

Considerações Finais

Este estudo possibilitou elucidar algumas questões acerca do gozo e do conceito de felicidade que são aceitos e renovados constantemente nas relações sociais. À psicanálise, cabe a apropriação desta leitura da atualidade, a fim de transpor a clínica o desafio de compor as suas práticas sobre a luz desta característica contemporânea aonde a ética atual se estabelece ao encontro com a proposta de felicidade utópica e de um suposto gozo absoluto, sendo assim contrária ao ideal psicanalítico.

É imprescindível que se saiba, portanto, de antemão que os pacientes que buscam a clínica da psicanálise possivelmente chegarão imersos por esse ideal de felicidade socialmente construído, sendo não só pertinente como indispensável à desconstrução deste conceito utópico para que o processo terapêutico se estabeleça. Não obstante, as supervisões do terapeuta também devem levar em conta estes pressupostos abordados, a fim de propor que a clínica da psicanálise se mantenha como uma voz dissonante das demais formas de compreender a vida humana.

Referências

FORTES, Isabel. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. IX, n. 4, p. 1123-1144, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400004>. Acesso em: 20 jan. 2012.

- FURROW, Dwight. **Ética**: conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de ética**: de Platão a Foucault. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- PELEGRINI, Marta Regueira Fonseca. O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 1, mar. 2003.
- SHAEFER, Sérgio. A concepção de felicidade em Aristóteles. In: ALBORNOZ, Suzana Guerra (Org.). **A filosofia e a felicidade**: o que os filósofos têm pensado sobre a felicidade humana. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.